

O DRAGÃO E A ÁGUIA: TRANSFORMAÇÕES NA DISTRIBUIÇÃO RELATIVA DO PODER MILITAR SINO-AMERICANO (2007-2019)

Bruno Hendler¹
Gabriela Tamiris Rosa Corrêa²

RESUMO

A ascensão da China marca uma mudança significativa no equilíbrio de poder global, tornando o ambiente internacional mais desafiador para os Estados Unidos (EUA). O poder das duas potências está em evolução contínua, tanto em termos absolutos quanto relativos. Apesar do surgimento de novas dinâmicas e ferramentas de influência nas relações internacionais, o poder militar permanece uma base fundamental para a sobrevivência e a projeção estatal. Isto posto, este artigo analisa as mudanças na distribuição relativa de poder militar entre os EUA e a China em dois períodos – 2007-2009 (T1) e 2017-2019 (T2) – utilizando uma metodologia mista que combina análise qualitativa e cálculos de média aritmética baseados em indicadores proxy. De forma geral, os resultados mostram que, em T1, o poder militar relativo dos EUA superava o da China em mais de três vezes. Já em T2, embora os EUA tenham mantido sua posição de destaque sem declínios absolutos significativos, a China demonstrou avanços expressivos, reduzindo a diferença para um poder militar relativo mais de duas vezes inferior ao dos EUA. Apesar desse progresso, a vantagem militar norte-americana permanece substancial, indicando que, embora a lacuna tenha diminuído, o equilíbrio de poder militar ainda favorece os EUA.

¹ Professor no curso de graduação e pós-graduação em Relações Internacionais na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Doutor em Economia Política Internacional pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0896-611X>. E-mail: bruno_hendler@hotmail.com

² Doutoranda em Economia Política Internacional pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestra em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9271-3504>. E-mail: gabrielatamirisrc@gmail.com

INTRODUÇÃO

Desde a obra seminal de Organski (1968) sobre a Teoria de Transição de Poder, pesquisas na disciplina de Relações Internacionais (RI) têm proposto diversas abordagens para mensurar o poder nacional das grandes potências e compreender os processos de ascensão e queda entre elas. Elementos como Produto Interno Bruto (PIB), tecnologia de ponta, demografia, coesão política e efetivo militar são frequentemente utilizados. Organski (1968) enfatiza que os fatores domésticos de uma nação são tão determinantes quanto vencer uma guerra ou estabelecer novas alianças para definir sua posição de poder no sistema internacional. Historiadores como Paul Kennedy (1989) identificam um ciclo virtuoso entre uma base econômica robusta e as capacidades militares de projeção de poder. Realistas neoclássicos, como Randall Schweller (2018), atribuem às elites domésticas e à estabilidade do regime um papel crucial na mensuração do poder material de uma nação.

Para os neorealistas estruturais defensivos, como Waltz (1979), e ofensivos, como Mearsheimer (2001), a mudança nas capacidades militares é uma condição determinante para a transição de poder. Autores neomarxistas, como Giovanni Arrighi (1996) e Immanuel Wallerstein (1974), concordam que essa condição é crucial, mas enfatizam que ela é moldada e molda o lugar que os Estados ocupam nos ciclos sistêmicos de acumulação e na economia-mundo capitalista, seja como centros ou periferias. Por fim, para neoliberais como Joseph Nye (2009) e John Ikenberry (2011), a transição de poder perde relevância diante da “distribuição de poder” para atores não estatais e dos indicadores de poder que vão além da capacidade bélica e da superioridade econômica, considerando também a atuação das potências em instituições e regimes e na promoção de valores que sustentem sua liderança.

Apesar da amplitude do debate e da complexidade das múltiplas causas que podem influenciar a transição de poder entre as nações, a capacidade militar emerge como um elemento central em quase todas as abordagens teóricas. Independentemente da corrente teórica adotada, a capacidade militar é reconhecida como um fator crucial na ascensão e queda de grandes potências, embora sua relevância possa variar em relação a outros fatores conforme diferentes autores. Mesmo o conceito de soft power, amplamente debatido no âmbito da Economia Política Internacional (EPI) e das Relações Internacionais (RI), deriva da existência,

explícita ou implícita, de um *hard power* subjacente. Nesse contexto, a mensuração precisa do poder dos Estados permanece um tema central entre os teóricos dessas disciplinas.

A transição de poder entre os Estados Unidos (EUA) e a República Popular da China (RPC) está no cerne das discussões contemporâneas de EPI (ZHU, 2005; TAMMEN; KUGLER, 2006; KIM; GATES, 2015; LAYNE, 2018; DEGTEREV; RAMICH; TSVYK, 2021). Portanto, somando-se a este debate, a presente pesquisa analisa a evolução do poder militar relativo entre as duas potências, empregando tanto indicadores tradicionais quanto novos proxies de poder. Especificamente, buscamos responder à seguinte pergunta: “Ocorreu uma mudança na distribuição de poder militar entre os Estados Unidos e a China no período de 2007 a 2019? Se sim, em que medida?”. O período de análise foi dividido em dois intervalos: 2007-2009 (T1) e 2017-2019 (T2). A escolha desses intervalos se baseia em duas razões principais: (1) o final da década de 2000 (T1) é considerado um período de “crise terminal” da hegemonia norte-americana, conforme delineado por Arrighi (2008), e também marca a ascensão econômica da China, que inicia uma transição de um desenvolvimento puxado pelas exportações para um desenvolvimento puxado por atividades intensivas em tecnologia de ponta, pelo controle de setores estratégicos por empresas estatais e pelo foco na expansão do mercado interno; e (2) os anos que precedem a pandemia de Covid-19, iniciada em 2020, (T2) são importantes para analisar a consolidação da China como grande potência, tendo em vista as mudanças doutrinárias, tecnológicas e organizacionais levadas a cabo pelo presidente Xi Jinping após 2015 (TEIXEIRA, 2019).

Dessa forma, este estudo busca examinar a natureza dinâmica da mudança de polaridade entre os EUA e a RPC. Nosso objetivo não é discutir a possibilidade de uma guerra sino-americana devido a uma eventual paridade no poder militar entre os dois países, nem se a China está atualmente se posicionando como uma potência desafiante ao status quo norte-americano, aspirando a ser uma *rule-maker* ao invés de uma *rule-taker*. Nosso objetivo é apenas identificar as tendências conjunturais de transformação ao longo de uma década, fornecendo uma análise embasada especificamente sobre a evolução da capacidade militar entre essas duas potências. Focaremos apenas na análise dos recursos potenciais da capacidade militar, que incluem fatores internos como gastos militares, P&D no setor, equipamentos militares e efetivo militar, e não em fatores externos, como alianças militares e acordos de cooperação em defesa.

Para alcançar o objetivo proposto, o artigo está estruturado em quatro seções além desta introdução (1). A segunda seção (2) aborda a importância persistente do poder militar nas Relações Internacionais e na política interestatal. A terceira seção (3) descreve a metodologia empregada, que calcula o poder militar relativo entre China e EUA por meio da média aritmética de diversos indicadores e categorias. Na quarta seção (4), apresentamos e analisamos os resultados da pesquisa, detalhando os dez indicadores e as oito categorias utilizadas. Finalmente, a última seção (5) oferece as considerações finais e a conclusão do estudo.

1. O PODER MILITAR NA POLÍTICA INTERNACIONAL

Na disciplina de RI, o foco das discussões sobre a inter-relação entre polaridade reside na análise dos “padrões de mudança nas relações de poder na política mundial” (TAMMEN; KUGLER; LEMKE, 2011). Questões fundamentais permeiam esse campo de estudo, como: Em que momento o mundo unipolar dos anos 1990 transitou para uma ordem bipolar ou multipolar? Ou ainda estamos em meio a essa transição? Quais critérios são mais eficazes na explicação da polaridade em diferentes períodos da história recente? E como podemos avaliar a transição entre essas ordens? Afinal, medir o poder relativo entre grandes potências, além de ser objeto para os pesquisadores, é crucial para políticos e estrategistas envolvidos na política internacional. Especificamente, a precisão na medição do poder proporciona uma compreensão mais clara de como e por que os Estados decidem iniciar conflitos armados (KOCH, 2021).

A transição de poder possui dois aspectos distintos: um estático/estrutural e outro dinâmico. O aspecto estático corresponde a uma hierarquia de nações estabelecida pela distribuição desigual de recursos e capacidades de poder. Ele pode ser comparado a uma espécie de fotografia que captura como os Estados se relacionam e se acomodam com base nas dinâmicas de poder globais e regionais. Por outro lado, o aspecto dinâmico acrescenta a dimensão do tempo, revelando os padrões de mudança na distribuição desses recursos e capacidades ao longo de diferentes períodos. Isto é, ele pode ser comparado a uma espécie de filme, que retrata a sucessão das fotografias, ilustrando a evolução das relações de poder entre os atores presentes em cada uma delas (TAMMEN; KUGLER; LEMKE, 2011).

Desde o fim da Guerra Fria, ocorreram mudanças significativas nas relações internacionais, como a intensificação da interdependência

produtiva entre Estados através das cadeias globais de valor, a emergência de novos blocos econômicos e políticos (como os BRICS), a expansão das instituições internacionais, a aceleração das crises climáticas, o enfraquecimento da União Europeia, o crescimento dos mercados financeiros e as novas revoluções tecnológicas. Apesar dessas transformações, persiste a estrutura da competição interestatal. Os conflitos na Bósnia, Kosovo, Afeganistão e Iraque, bem como os ataques terroristas de grande escala, demonstram que a utilização do poder militar como instrumento político permanece tão relevante quanto no passado (TROXELL, 2006). Atualmente, o conflito entre Rússia e Ucrânia e entre Israel e Hamas reforça ainda mais essa visão. Adicionalmente, a elaboração anual de um relatório ao Congresso sobre os desenvolvimentos militares e de segurança envolvendo a China, por parte do Departamento de Defesa dos EUA, evidencia a contínua importância da capacidade militar nas relações internacionais e na elaboração de políticas domésticas.

Portanto, apesar das Conferências de Haia (1899 e 1907), dos Pactos Kellogg-Briand (1928), dos Pactos da Liga das Nações (1919) e da Carta das Nações Unidas (1945)³ (HOWARD, 2009), bem como do surgimento de novas instituições multilaterais destinadas a promover a governança sistêmica e o crescimento da interdependência econômica, como a Organização Mundial do Comércio (OMC), a competição por segurança e a ameaça de conflitos permanecem como elementos centrais nas relações entre as grandes potências. Segundo Mearsheimer (2001), o crescimento econômico da China tende a refletir-se no fortalecimento de suas capacidades militares, com o objetivo de ampliar sua influência. Conforme o autor, “o poder efetivo de um Estado é uma função de suas forças militares e de como elas se comparam às forças militares de Estados rivais” (MEARSHEIMER, 2001, p. 81, tradução própria). Nesse contexto, as capacidades militares proporcionam às grandes potências a habilidade de atrair aliados, oferecer proteção, emitir ameaças, assegurar a estabilidade territorial e empregar a força para neutralizar inimigos.

Hans Morgenthau (1948, p. 13) argumenta que “a política internacional, como toda política, é uma luta pelo poder. Sejam quais forem os objetivos da política internacional, o poder é sempre o objetivo imediato”. Nesse sentido, a força armada, seja como ameaça ou potencialidade, é o

3 Essas conferências, pactos e cartas firmados entre Estados ao longo da história buscaram promover a paz e a segurança internacionais, estabelecendo mecanismos e normas destinadas a limitar o uso da guerra como ferramenta de política externa.

elemento material mais importante na construção do poder político de uma nação, que é imaterial e se relaciona à preponderância psicológica em termos de ideais e preferências sobre outros atores. Segundo Morgenthau, os fatores mais significativos dentro da capacidade militar são as inovações tecnológicas, e a qualidade e quantidade de forças (homens e armas) disponíveis. Em consonância com essa visão, Kenneth Waltz (1979, p. 113) afirma que “na política, diz-se que a força é a última ratio. Na política internacional, a força serve, não apenas como ultima ratio, mas na verdade como a primeira e constante”. Portanto, se a força é utilizada por uma nação ou seu uso é esperado, a resposta de outras nações é também recorrer à força ou, ao menos, estar preparadas para tal. Assim, estimar o poder comparando as capacidades militares das unidades concorrentes é essencial tanto em termos teóricos quanto empíricos.

A capacidade militar é uma dimensão fundamental do poder, abrangendo os recursos materiais de um Estado, como tecnologia, indústrias e equipamentos militares, que se manifestam em seu potencial destrutivo (COX, 2021). Essa capacidade refere-se não apenas à aptidão de prover segurança para si mesmo e para outros (STRANGE, 1994), mas também à habilidade de coagir nações por meio da força armada ou da ameaça para alcançar objetivos definidos (NYE, 2011). O tamanho e a qualidade das forças armadas de uma nação, portanto, ajudam a determinar sua esfera de influência dentro da comunidade internacional em qualquer nível, seja regional ou global. Mearsheimer (2001) argumenta que a qualificação de uma grande potência se baseia em sua capacidade militar em situações de conflito com outros países, sendo essa a forma efetiva de poder. Para ele, as capacidades socioeconômicas e financeiras devem ser consideradas principalmente por sua contribuição para expandir as capacidades militares em quantidade e qualidade. Assim, essas capacidades “são imprescindíveis em tempos de guerra, mas também servem para intimidar os inimigos em tempos de paz” (CORRÊA, 2023, p. 88).

Nesse contexto, segundo Tammen, Kugler e Lemke (2011), é plausível que uma potência desafiante do status quo aumente sua taxa de crescimento dos gastos militares para ultrapassar o esforço militar do Estado dominante. Assim, a capacidade militar se mostra promissora ao oferecer medições precisas de uma transição de poder sistêmica. Isso ocorre porque o poder que os Estados exercem nos assuntos internacionais é composto por muitos atributos, incluindo econômicos, diplomáticos, culturais e ideológicos, além de militares. No entanto, o atributo militar,

ou seja, a capacidade de usar a violência para proteção, execução ou extensão da autoridade, continua sendo um instrumento indispensável. Como Howard (2009) argumenta, não é fácil imaginar como as relações internacionais poderiam ser conduzidas, e a ordem internacional mantida, sem a presença do poder militar. Portanto, devido à impossibilidade de um Estado conhecer completamente o poder e as intenções dos adversários, é razoável admitir que ele interprete esse cenário através das capacidades militares relativas (KOCH, 2021).

O desenvolvimento de novas e mais poderosas armas, que surge com o avanço do conhecimento, pode escalar em corridas armamentistas. A possibilidade de criar novas armas aumenta a incerteza nas relações militares entre os Estados, especialmente entre as grandes potências, pressionando-as a manter seu equipamento militar sempre atualizado. Além disso, os avanços científicos e tecnológicos no campo civil aumentam a necessidade de inovações militares, que, por sua vez, podem ter impactos positivos no setor civil (BUZAN, 1984). Nesse sentido, apesar de outros fatores também serem importantes para promover os interesses nacionais e garantir a segurança, a capacidade militar continua sendo o aspecto central da política entre nações enquanto houver anarquia no sistema internacional (Troxell, 2006). Diante disso, este trabalho examinará a evolução relativa da capacidade militar potencial dos EUA e da China entre 2007 e 2019, entendendo esse potencial como os recursos que essas potências podem mobilizar para fins de dissuasão, defesa e guerra. Focamos, portanto, no aspecto dinâmico da distribuição de poder militar entre os dois países.

2. FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS

Para examinar a evolução do poder militar relativo dos EUA e da China entre T1 e T2, segmentamos oito categorias gerais, cada uma contendo indicadores militares específicos. A primeira categoria é (1) Financiamento Militar, que inclui gastos militares e orçamento de defesa para pesquisa, desenvolvimento, teste e aquisição. A segunda é (2) Pessoal, que abrange apenas o efetivo militar. A terceira é (3) Produção e Comércio Militar, incluindo as maiores empresas produtoras de armas e serviços militares e o volume de armas convencionais exportadas. A quarta é (4) Divisão Nuclear, que inclui apenas o estoque de ogivas nucleares no arsenal militar. A quinta é (5) Divisão Espacial, com o número de satélites

em operação.

A sexta categoria é (6) Divisão Terrestre, com o índice de capacidade na guerra terrestre, composto por indicadores como número de tanques de batalha, veículos de combate de infantaria, e equipamentos de artilharia. A sétima é (7) Divisão Marítima, com o índice de capacidade na guerra marítima, comportando indicadores como número de porta-aviões, contratorpedeiros, e sistemas de lançamento vertical. Por fim, a oitava é (8) Divisão Aérea, que mede a capacidade na guerra aérea, utilizando indicadores como número de aeronaves disponíveis para combate e helicópteros de ataque.

As mudanças na distribuição do poder militar entre os EUA e a China são analisadas com base na metodologia de Corrêa (2023), que em seu trabalho utiliza indicadores proxies e cálculos de média aritmética para mensurar as capacidades econômicas, financeiras, militares e políticas de ambos os países. A análise é realizada em três etapas. A primeira consiste no cálculo relativo dos recursos de cada país para cada indicador dentro de cada capacidade (econômica, financeira, militar e política). No segundo passo, os resultados relativos dos indicadores pertencentes a cada capacidade são somados, gerando um valor total para cada capacidade específica. O resultado diz respeito às capacidades econômicas, financeiras, militares e políticas relativas dos EUA e da China. Por fim, a terceira etapa envolve o cálculo da média ponderada entre as diferentes capacidades avaliadas, resultando no poder agregado relativo de cada país. Na metodologia de Corrêa (2023), cada capacidade tem um peso específico no cálculo do poder agregado, o que justifica a realização da média ponderada. No entanto, como este trabalho se concentra exclusivamente na avaliação do poder militar, realizamos apenas cálculos de média aritmética, desconsiderando medidas de ponderação. A seguir, apresentamos o passo a passo analítico utilizado para essa análise.

Inicialmente, coletamos os valores brutos de cada indicador para ambos os países nos anos selecionados. Por exemplo, em 2007, os gastos militares dos EUA foram de US\$ 589,56 bilhões, enquanto os da China foram de US\$ 62,13 bilhões. Somando esses valores, obtivemos o total anual, e, em seguida, calculamos a porcentagem de cada país em relação a esse total. Assim, em 2007, os EUA representaram 90,47% dos gastos militares sino-americanos, e a China, 9,53%. Abaixo, apresentamos a fórmula utilizada para o cálculo de cada indicador, juntamente com este exemplo ilustrativo.

Fórmula 1. Poder Relativo Anual do “País A” no “Indicador X”

$$PR(anual)_{p(a)}^{Ind_x} = \frac{Ind(x)_{p(a)}}{Ind(x)_{p(a)} + Ind(x)_{p(b)}} \times 100$$

Exemplo 1. Poder Relativo dos EUA nos Gastos Militares Sino-Americanos (2007)

$$PR(2007)_{EUA}^{GastosMil} = \frac{589,56}{589,56 + 62,13} \times 100 = 90,47\%$$

Para calcular a média do poder relativo dos EUA e da China no total bilateral para o período analisado, somamos as porcentagens anuais do indicador para cada país dentro do intervalo (T1 ou T2) e dividimos o resultado pelo número de anos no intervalo (3 anos). Por exemplo, se os gastos militares dos EUA representaram 90,47%, 89,28% e 87,96% do total bilateral em 2007, 2008 e 2009, respectivamente, a média do poder relativo dos EUA em T1 nesse indicador foi de 89,24%. Abaixo estão a fórmula e o exemplo ilustrativo.

Fórmula 2. Poder Relativo Temporal do “País A” no “Indicador X”

$$PR(temporal)_{p(a)}^{Ind_x} = \frac{\sum(\text{Porcentagens Anuais do País A no Indicador X})}{\text{Número de Anos}}$$

Exemplo 2. Poder Relativo dos EUA nos Gastos Militares em T1

$$PR(T1)_{EUA}^{GastosMil} = \frac{90,47\% + 89,28\% + 87,96\%}{3} = 89,24\%$$

Depois de calcular as porcentagens anuais e a média temporal para cada indicador, agrupamos os resultados temporais (T1 e T2) dos indicadores em categorias mais amplas. Para determinar o poder relativo dos EUA e da China em cada uma delas, somamos as porcentagens temporais relativas de cada indicador dentro da categoria e depois dividimos pelo número total de indicadores dessa categoria. Por exemplo, na categoria “Financiamento Militar”, que inclui dois indicadores (gastos militares e orçamento para PDT&A), em T1, os EUA tinham 89,24% dos gastos militares totais e 87,19% do orçamento para PDT&A. Somando esses dois valores e dividindo por 2, chegamos a uma média de 88,22%, que representa o poder relativo dos EUA nessa categoria. Abaixo, apresentamos a fórmula e o exemplo descrito.

Fórmula 3. Poder Relativo Temporal do “País A” na “Categoria X” de Indicadores

$$PR(\text{temporal})_{P(a)}^{Cat_x} = \frac{\Sigma(\text{Médias Temporais dos Indicadores da Categoria X para o País A})}{\text{Número de Indicadores da Categoria X}}$$

Exemplo 3. Poder Relativo dos EUA no Financiamento Militar em T1

$$PR(T1)_{EUA}^{\text{Financiamento Militar}} = \frac{(89,27\% + 87,19\%)}{2} = 88,22\%$$

Por fim, para avaliar o poder militar relativo médio entre os EUA e a China em cada período (T1 e T2), calculamos a média das porcentagens de cada país em todas as categorias de indicadores. Por exemplo, para o período T1, somamos as porcentagens dos EUA em cada uma das oito categorias e dividimos pelo número total de categorias (8). O resultado foi que os EUA detinham uma primazia militar relativa de 75,40%, enquanto a China tinha 24,60%. Isso indica que, durante T1, os EUA possuíam um poder militar significativamente superior ao da China. A fórmula utilizada para esse cálculo está apresentada abaixo, juntamente com este exemplo ilustrativo.

Fórmula 4. Poder Militar Relativo Temporal do “País A”

$$PR(\text{temporal})_{P(a)}^{\text{Militar}} = \frac{\sum(\text{Médias Temporais das Categorias para o País A})}{\text{Número de Categorias}}$$

Exemplo 4. Poder Militar Relativo dos EUA em T1

$$PR(T1)_{EUA}^{\text{Militar}} = \frac{88,22\% + 34,84\% + 95,43\% + 95,77\% + 90,40\% + 52,21\% + 68,67\% + 77,70\%}{8} = 75,40\%$$

Essa abordagem analítica permite avaliar amplamente as mudanças na distribuição do poder militar entre os EUA e a China, além de oferecer uma análise detalhada dos elementos (ou indicadores) mais relevantes nesse contexto. Embora reconheçamos a limitação decorrente da ausência de indicadores qualitativos (como aspectos organizacionais e doutrinários, por exemplo), este estudo representa um esforço metodológico para identificar, por meio de informações quantitativas, as tendências gerais de transformação na distribuição do poder militar entre as duas potências na última década. A análise considera tanto indicadores tradicionais de capacidade militar quanto novos proxies. Assim sendo, a tabela abaixo apresenta as categorias do poder militar analisadas, os indicadores que as compõem e as respectivas fontes de dados utilizadas.

Tabela 1. Indicadores de Poder Militar e Bases de Dados

Categoria	Indicador	Fonte
<i>Financiamento Militar</i>	Gastos militares	SIPRI (2024a)
	Orçamento de defesa para PDT&A	USA (2008); USA (2018); TIAN & SU (2021)
<i>Pessoal</i>	Efetivo militar	BANCO MUNDIAL (2024a)
<i>Produção e Comércio Militar</i>	Número de empresas produtoras de armas e equipamentos no top 100	SIPRI (2024b)
	Volume de armas exportadas	SIPRI (2024c)
<i>Divisão Nuclear</i>	Estoque de ogivas nucleares no arsenal militar	FAS (2024); UCS (2024a)
<i>Divisão Espacial</i>	Número de satélites em operação	UCS (2024b)
<i>Divisão Terrestre</i>	Capacidade na guerra terrestre	IISS (2007); IISS (2008); IISS (2009); IISS (2017); IISS (2018); IISS (2019)
<i>Divisão Marítima</i>	Capacidade na guerra marítima	IISS (2007); IISS (2008); IISS (2009); IISS (2017); IISS (2018); IISS (2019)
<i>Divisão Aérea</i>	Capacidade na guerra aérea	IISS (2007); IISS (2008); IISS (2009); IISS (2017); IISS (2018); IISS (2019)

Fonte: Elaboração própria.

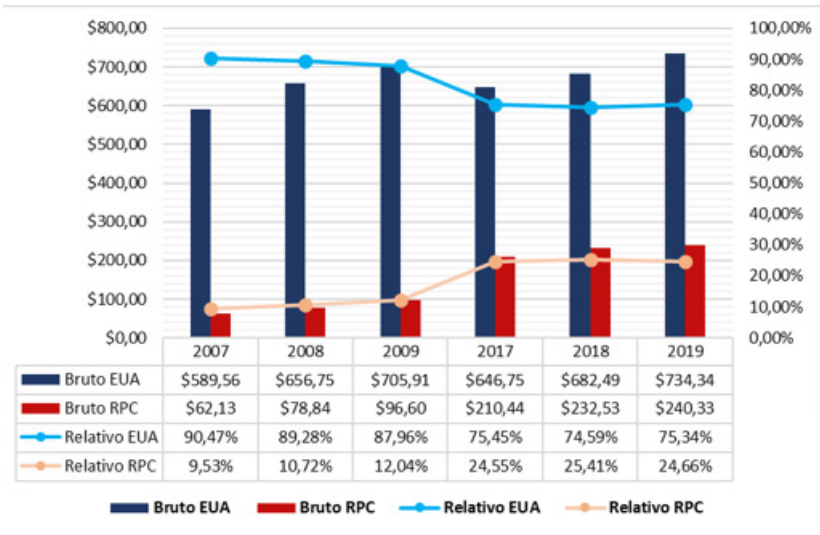
Na próxima seção, será realizada a análise do poder militar relativo sino-americano, utilizando as quatro fórmulas previamente descritas, baseadas na metodologia proposta por Corrêa (2023).

3. RESULTADOS: BALIZANDO O PODER SINO-AMERICANO

A ascensão chinesa, refletida em seu robusto crescimento econômico e rápida modernização militar desde os anos 1990, visa alcançar o rejuvenescimento nacional até 2049, com um exército moderno e de classe mundial como pilares para enfrentar um sistema internacional turbulento. A estratégia de fusão civil-militar (军民融合 Junmin Ronghe), promovida por Xi Jinping, impulsiona a inovação em setores-chave e o desenvolvimento de tecnologias de uso dual, integrando sistemas industriais e utilizando sistemas inteligentes, como big data e inteligência artificial. Esse processo de modernização é visto como uma ameaça pelos EUA, que têm retaliado empresas chinesas, como Huawei e TikTok, por exemplo (OLIVEIRA, 2023). Por exemplo, no Relatório de 2023 sobre o Desenvolvimento Militar Chinês, o governo norte-americano identificou a China como o principal desafio aos EUA e como o único competidor no mundo capaz de transformar a ordem internacional (USA, 2023).

O gráfico a seguir apresenta o primeiro indicador da categoria (1) Financiamento Militar, detalhando os gastos militares brutos e relativos dos Estados Unidos (EUA) e da China (RPC) nos períodos de 2007-2009 (T1) e 2017-2019 (T2).

Gráfico 1. Gastos Militares Brutos (em US\$ bilhões) e Relativos (em %)

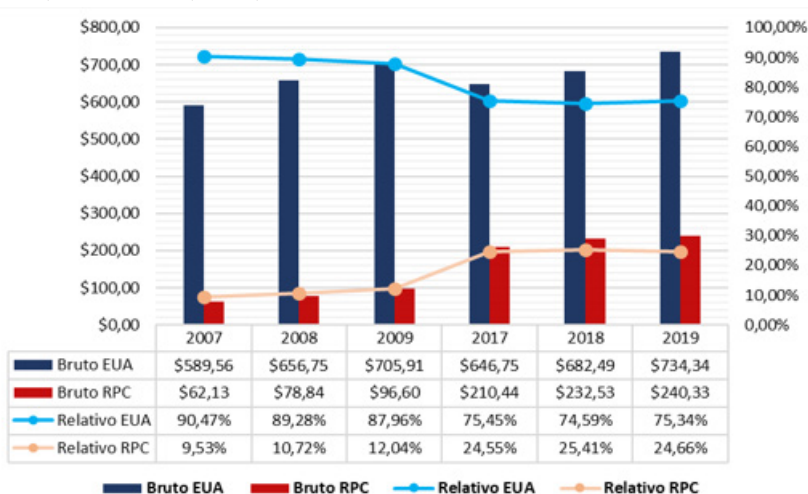


Fonte: SIPRI (2024a). Elaboração Própria.

O indicador mostra que ambos os países aumentaram seus gastos militares ao longo dos anos, mas em ritmos diferentes. Os gastos dos EUA cresceram de US\$ 589,56 bilhões em 2007 para US\$ 734,34 bilhões em 2019, um aumento de 19,72%. Já os gastos da China subiram de US\$ 62,13 bilhões para US\$ 240,33 bilhões, uma elevação de 74,15%. Entre 2007 e 2009 (T1), os EUA representavam, em média, 89,24% dos gastos militares bilaterais, enquanto a China representava 10,76%. Já em 2017 a 2019 (T2), a participação dos EUA caiu para 75,13%, enquanto a da China subiu para 24,87%. Esses dados mostram que, apesar da predominância contemporânea dos EUA, a China tem intensificado seus gastos militares, impactando, paulatinamente, o equilíbrio da capacidade militar entre as duas potências.

A seguir, apresentamos o segundo indicador da categoria (1) Financiamento Militar, detalhando o orçamento de defesa para pesquisa, desenvolvimento, teste e aquisição (PDT&A) bruto e relativo dos EUA e da RPC em T1 e T2.

Gráfico 2. Orçamento de Defesa para PDT&A Bruto (em US\$ bilhões) e Relativo (em %)⁴



Fonte: USA (2008); USA (2018); TIAN & SU (2021). Elaboração Própria.

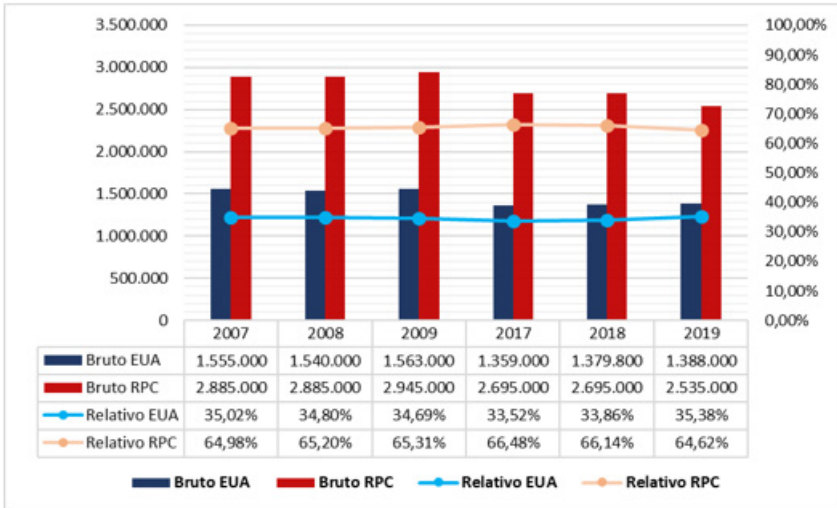
Os investimentos em PDT&A pelos departamentos de defesa são cruciais para a melhoria da capacidade militar, já que tecnologias avançadas são cada vez mais essenciais em contextos de ataque e defesa, com impactos significativos também no setor civil. Os dados mostram que a China aumentou seus gastos de US\$ 11,44 bilhões em 2007 para US\$ 25 bilhões em 2019, um crescimento de 54,24%. Em comparação, os EUA apresentaram um aumento mais modesto, de US\$ 77,55 bilhões para US\$ 92,63 bilhões no mesmo período, representando um acréscimo de 16,28%. Ainda assim, os EUA ainda investem significativamente mais do que a China. Durante T1 (2007-2009), os investimentos de defesa dos EUA em PDT&A representaram, em média, 87,19% do total combinado dos dois países, enquanto os chineses correspondiam a 12,81%. Em T2 (2017-2019), a parcela relativa dos EUA diminuiu para 78,52%, enquanto a chinesa aumentou para 21,48%. Esses dados refletem os esforços da China para

4 Os dados do orçamento de defesa para PDT&A dos EUA foram obtidos dos Compensation Greenbooks norte-americanos, que detalham as despesas militares de cada ano fiscal (USA, 2008; 2018). Para a China, os dados foram extraídos do relatório New SIPRI Estimate (2021, p. 22), elaborado por Tian & Su. Os valores foram convertidos de yuan para dólares constantes de 2024 (1 yuan = 0,14 dólares americanos) para assegurar a consistência das comparações. Embora os dados estejam disponíveis para os anos de 1990, 1995, 2000, 2005 e de 2010 a 2019, não havia informações específicas para 2007, 2008 e 2009, sendo os valores de 2010 utilizados como estimativa para esses anos.

fortalecer sua capacidade militar e tecnológica.

Por sua vez, o gráfico a seguir apresenta o único indicador da categoria (2) Pessoal, com informações sobre o efetivo militar bruto e relativo dos EUA e da RPC em T1 e T2.

Gráfico 3. Efetivo Militar Bruto (número ativo) e Relativo (em %)⁵



Fonte: BANCO MUNDIAL (2024a). Elaboração Própria.

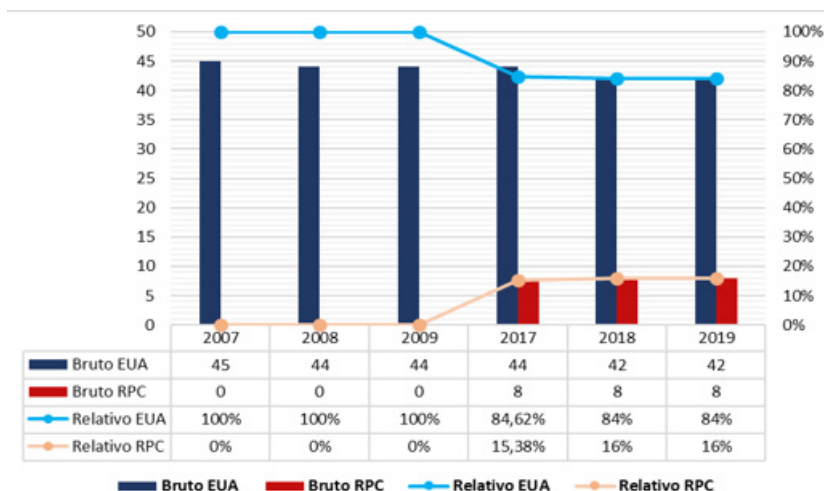
As forças armadas são essenciais para a defesa do Estado e a promoção de interesses nacionais no cenário internacional, sendo frequentemente utilizadas em operações de paz, exercícios militares e missões humanitárias. O gráfico acima revela uma redução no efetivo militar de ambos os países entre 2007 e 2019: os EUA reduziram em 167.000 militares e a China em 350.000. Durante todo o período, a China manteve um número significativamente maior de militares na ativa. Em T1 (2007-2009), a China representava, em média, 65,16% do total bilateral de militares, enquanto os EUA compunham 34,84%. Em T2 (2017-2019), essa proporção média permaneceu favorável à China, que possuía 65,75% do total sino-americano de militares, em comparação com 34,25% dos EUA. Portanto, a China mantinha quase o dobro de militares em comparação com os EUA em ambos os períodos, o que traz implicações estratégicas significativas,

⁵ O indicador representa informações sobre o pessoal militar em serviço ativo, abrangendo também as forças paramilitares quando treinadas, organizadas, equipadas e controladas para apoiar ou substituir as forças regulares (BANCO MUNDIAL, 2024a).

especialmente na região Ásia-Pacífico e na defesa da integridade territorial chinesa.

A tabela a seguir apresenta o primeiro indicador da categoria (3) Produção e Comércio Militar, mostrando o número das maiores empresas produtoras de armas e serviços militares dos EUA e da China em T1 e T2, em termos absolutos e relativos.

Gráfico 4. Número Bruto e Relativo (em %) de Empresas Produtoras de Armas e Serviços Militares no Top 100⁶



Fonte: SIPRI (2024b). Elaboração Própria.

Empresas produtoras de armas e serviços militares são essenciais para a autossuficiência em suprimentos militares e o avanço tecnológico, com impactos potenciais no setor civil. Entre 2007 e 2009 (T1), a China não possuía empresas na lista, enquanto os EUA tinham uma média de 44 empresas. Em contraste, entre 2017 e 2019 (T2), a China passou a contar com 8 empresas no ranking, representando 15,79% do total sino-americano, enquanto os EUA tinham 43 empresas, correspondendo a 84,21%. Este crescimento significativo da China na indústria armamentista destaca seu

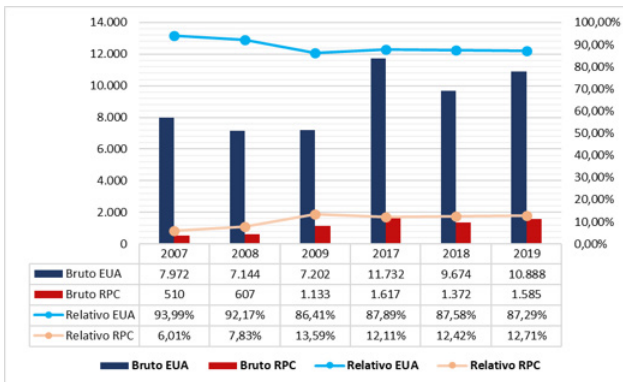
6 A base de dados do SIPRI sobre Empresas Produtoras de Armas e Serviços Militares, estabelecida em 1989, inclui informações de empresas públicas e privadas, mas exclui unidades de produção ou manutenção das forças armadas. Originalmente sem dados sobre empresas da China, União Soviética e Europa Oriental, a versão mais recente cobre empresas russas desde 2002 e chinesas desde 2015. As empresas são classificadas com base em suas receitas de armamentos anuais (SIPRI 2024b).

avanço no setor, tornando-a um dos cinco maiores fabricantes de armas do mundo. Contudo, os EUA continuam a liderar a produção global, com quase metade das empresas listadas entre as 100 maiores.

Em 2019, as cinco principais empresas de defesa dos EUA dominaram o ranking global: Lockheed Martin liderava com US\$ 53,23 bilhões em receitas, seguida por Boeing com US\$ 32,45 bilhões, Northrop Grumman com US\$ 29,22 bilhões, General Dynamics com US\$ 26,56 bilhões e Raytheon Technologies com US\$ 25,32 bilhões. No mesmo ano, as quatro empresas chinesas listadas estavam nas posições de 8 a 11:

Aviation Industry Corporation of China (8ª posição, com US\$ 16,71 bilhões), China Aerospace Science and Technology Corporation (9ª posição, com US\$ 15,58 bilhões), China North Industries Corporation (10ª posição, com US\$ 15,09 bilhões) e China Electronics Technology Group (11ª posição, com US\$ 14,48 bilhões) (SIPRI, 2024b). Embora os EUA mantenham uma indústria bélica mais robusta que a chinesa, é evidente que a China tem priorizado o fortalecimento da sua, buscando reduzir a dependência de importações.

Gráfico 5. Volume Bruto e Relativo (em %) de Armas Exportadas⁷



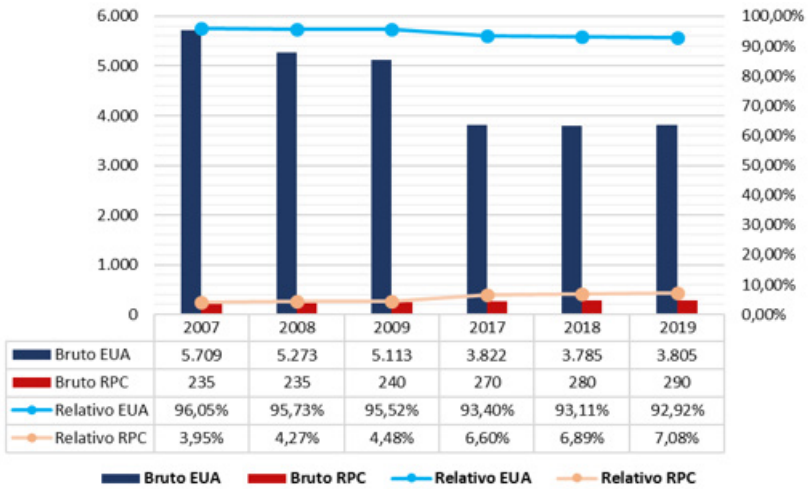
Fonte: SIPRI (2024c). Elaboração Própria.

⁷ Esse indicador reflete o comércio de armas convencionais, incluindo uma variedade de equipamentos militares, como sistemas de defesa aérea, aeronaves, veículos blindados, mísseis e outros. Para facilitar a comparação entre os dados sobre essas entregas de diferentes tipos de armas e para identificar tendências gerais, o SIPRI desenvolveu um sistema único de medição do volume de transferências internacionais de grandes armas convencionais, utilizando uma unidade padronizada denominada Valor Indicador de Tendência (TIV). O TIV é calculado com base nos custos unitários de produção conhecidos de um conjunto básico de armas e tem o propósito de representar a transferência de recursos militares, não o valor financeiro da transferência (SIPRI 2024c).

O gráfico acima exibe o segundo indicador da categoria (3) Produção e Comércio Militar, detalhando o volume de armas convencionais exportadas pelos EUA e pela China nos períodos T1 e T2, com dados fornecidos pelo SIPRI (2024c). Os EUA são o maior fornecedor global de armamentos, liderando o ranking das empresas mais lucrativas no setor. Em 2019, os EUA representaram 36% das exportações globais de armas, seguidos por França (6,8%), Alemanha (6,4%) e China (5,2%) (BBC, 2019). A transferência de armas está ligada tanto à lucratividade quanto a considerações geopolíticas, com a China expandindo seu mercado e influência, passando de 32 países importadores em 2004-2008 para 53 no período mais recente (BBC, 2019).

A análise do gráfico revela uma disparidade significativa nas vendas de armamentos entre os EUA e a China ao longo do período examinado. Em T1 (2007-2009), as vendas dos EUA representaram 90,86% do total bilateral, enquanto a China correspondia a 9,14%. Em T2 (2017-2019), as exportações chinesas mais do que dobraram, enquanto as exportações dos EUA aumentaram 1,44 vezes. Apesar do crescimento das exportações chinesas, os EUA mantêm uma vantagem substancial: suas vendas médias em T2 totalizaram 87,59% do volume bilateral, em contraste com 12,41% das vendas chinesas. Durante o período de 2007 a 2019, os principais destinos das exportações chinesas foram Paquistão (7.230 unidades), Bangladesh (2.656 unidades) e Myanmar (1.479 unidades), enquanto os EUA exportaram predominantemente para Arábia Saudita (16.022 unidades), Coreia do Sul (9.485 unidades), Austrália (9.293 unidades) e Japão (6.881 unidades) (SIPRI, 2024c). Esses dados ilustram a interconexão entre comércio de armamentos e considerações geopolíticas, com a China direcionando suas exportações para países vizinhos e os EUA focando em aliados tradicionais.

Gráfico 6. Estoque Bruto e Relativo (em %) de Ogivas Nucleares no Arsenal Militar⁸



Fonte: FAS (2024); UCS (2024a). Elaboração própria.

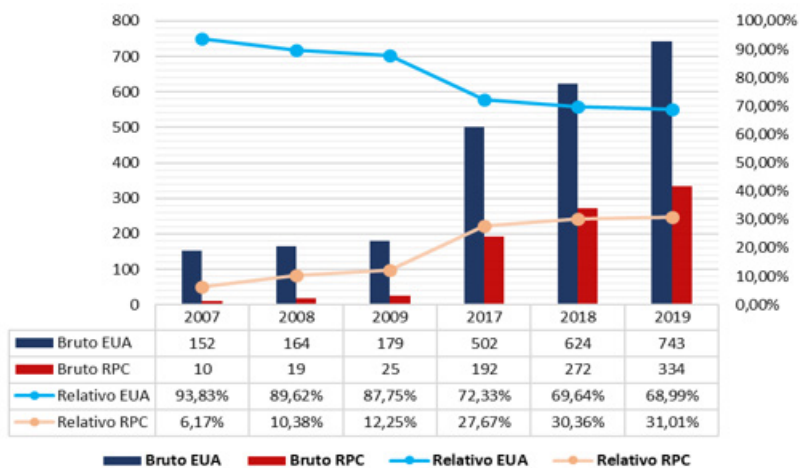
O gráfico acima exhibe o único indicador da categoria (4) Divisão Nuclear, detalhando o estoque de ogivas nucleares no arsenal militar dos EUA e da China em T1 e T2. Apesar dos progressos na redução do arsenal nuclear desde o Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares (TNP) de 1968, em 2024, nove países ainda mantinham cerca de 12.100 ogivas nucleares, incluindo EUA, Rússia, China, França, Reino Unido, Índia, Paquistão, Israel e Coreia do Norte. Em comparação, em 1986, o mundo possuía aproximadamente 70.300 ogivas nucleares. Esse inventário global inclui ogivas ativas, em reserva e aposentadas aguardando desmantelamento. Embora tenha havido uma redução quantitativa, todos os países com armas nucleares têm modernizado suas forças. Atualmente, EUA e Rússia detêm quase 90% do arsenal global, com cerca de 84% das ogivas prontas para uso militar (FAS, 2024), enquanto a China mantém

8 “As ogivas de apenas um submarino com armas nucleares dos EUA têm sete vezes o poder destrutivo de todas as bombas lançadas durante a Segunda Guerra Mundial, incluindo as duas bombas atômicas lançadas sobre o Japão. E os Estados Unidos normalmente têm dez desses submarinos no mar”. Além disso, as três vertentes das forças nucleares chinesas, “também conhecidas como sua tríade nuclear, estão em processo de reforço e expansão, lideradas pela construção de três campos de silos de mísseis balísticos intercontinentais (ICBM) em três locais no noroeste da China” (UCS, 2024a). A China está expandindo seu arsenal com uma gama crescente de armas avançadas, incluindo mísseis, submarinos, bombardeiros e veículos hipersônicos, todos projetados para realizar ataques nucleares (BUCKLEY, 2024).

seus mísseis fora de estado de alerta em tempos de paz (UCS, 2024a).

As primeiras ogivas nucleares norte-americanas, Little Boy e Fat Man, datam de 1945 e foram utilizadas em Hiroshima e Nagasaki. A China, por sua vez, desenvolveu sua primeira ogiva nuclear, chamada Miss Qiu, em 1964. A análise dos dados revela que, durante todo o período, o estoque norte-americano de ogivas manteve-se significativamente superior. No entanto, enquanto os EUA reduziram seu estoque de 5.709 em 2007 para 3.805 em 2019, a China aumentou de 235 para 290 ogivas. Relativamente, em T1 (2007-2009), o estoque norte-americano representava em média 98,77% do total sino-americano, enquanto o da China representava 4,23%. Em T2 (2017-2019), essas proporções mudaram para 93,14% e 6,86%. Apesar da discrepância no número de ogivas em relação aos EUA, desde a ascensão de Xi Jinping, a China passou a encarar “as armas nucleares não apenas como um escudo defensivo, mas como uma espada em potencial para intimidar e subjugar rivais”. Como resultado, a China tem expandido seu arsenal nuclear tanto em quantidade quanto em qualidade, com estimativas que projetam um estoque de até 1.500 ogivas até 2035 (BUCLEY, 2024).

Gráfico 7. Número Bruto e Relativo (em%) de Satélites em Operação⁹



Fonte: UCS (2024b). Elaboração própria.

⁹ Os dados da Union of Concerned Scientists (UCS, 2024b) oferecem uma análise abrangente dos 7.560 satélites em órbita ao redor da Terra. As informações incluem o país de origem, finalidade (militar, civil, comercial), detalhes técnicos como massa, potência e data de lançamento, além de parâmetros orbitais como apogeu, perigeu, inclinação e período. O portal abrange dados de lançamentos atualizados até 1º de maio de 2023.

O gráfico acima exibe o único indicador da categoria (5) Divisão Espacial, detalhando o número de satélites norte-americanos e chineses em operação em T1 e T2. No cenário militar contemporâneo, os satélites são essenciais para comunicação, navegação, posicionamento e vigilância, desempenhando um papel crucial no ciberpoder, nas explorações espaciais e nos ataques com precisão. No conflito entre Rússia e Ucrânia, por exemplo, os satélites têm sido usados estrategicamente por ambos os lados (AL JAZEERA, 2024). A análise dos dados revela que os EUA mantiveram uma vantagem significativa em número de satélites operacionais em comparação com a China ao longo do período examinado. No entanto, o crescimento chinês nesse campo é notável.

Em 2007, a China operava apenas 10 satélites, número que saltou para 334 em 2019, um aumento de mais de 33 vezes. Enquanto isso, os EUA passaram de 152 para 743 satélites no mesmo período, um crescimento de quase 4 vezes. Em T1 (2007-2009), os EUA operavam, em média, 90,40% do número total de satélites dos dois países, enquanto a China operava 9,60%. Em T2 (2017-2019), a participação dos EUA caiu para 70,32%, enquanto a da China aumentou para 29,68%. Essa mudança reflete o esforço chinês para expandir sua presença espacial, com implicações tanto para a segurança nacional quanto para o desenvolvimento de tecnologias avançadas¹⁰. Examinemos agora o índice de capacidade na guerra terrestre, único componente da Categoria (6) Divisão Terrestre.

10 Além de expandir seu número de satélites, tanto civis quanto militares, a China tem aumentado seu arsenal de armas anti-satélites, capazes de destruir, desativar ou sequestrar satélites de outras nações, incluindo os dos EUA. O Pentágono expressou preocupações significativas sobre a instalação de um braço robótico na estação espacial chinesa, que poderia ser utilizado para atacar satélites adversários. Além disso, a China está desenvolvendo sistemas de laser baseados em solo para danificar satélites e investindo em tecnologias de reabastecimento para prolongar a vida útil de seus satélites (KUBE; DE LUCE, 2023).

Tabela 2. Capacidade na Guerra Terrestre¹¹

Poder de Manobra											
2007		2008		2009		2017		2018		2019	
EUA	RPC	EUA	RPC	EUA	RPC	EUA	RPC	EUA	RPC	EUA	RPC
Tanques de Batalha											
7.620	7.580	7.620	7.660	7.620	7.660	2.384	6.740	2.384	6.740	2.386	5.800
Veículos de Combate de Infantaria											
6.719	1.000	6.719	1.000	6.452	1.000	2.834	3.800	2.834	3.800	2.931	5.000
Veículos Blindados de Transporte de Pessoal											
16.008	6.100	19.931	3.500	28.574	3.500	10.746	5.020	10.746	5.020	10.547	3.950
Infraestrutura Anti-Tanques											
21.955	7.200	21.955	7.200	21.955	7.200	1.333	4.890	1.333	4.890	1.333	4.966
Poder de Manobra Total (Anual)											
52.302	21.880	56.225	19.360	64.601	19.360	17.297	20.450	17.297	20.450	17.197	19.716
Poder de Manobra Relativo (Anual)											
70,50%	29,50%	74,39%	25,61%	76,94%	23,06%	45,82%	54,18%	45,82%	54,18%	46,59%	53,41%
Poder de Fogo											
2007		2008		2009		2017		2018		2019	
EUA	China	EUA	China	EUA	China	EUA	China	EUA	China	EUA	China
Equipamentos de Artilharia											
6.530	17.700	6.530	17.700	6.763	17.700	5.312	13.218	5.393	13.218	5.411	8.954
Mísseis Terra-Ar											
1.281	284	1.281	284	1.281	290	1.103	344	1.183	344	1.183	422
Poder de Fogo Total (Anual)											
7.811	17.984	7.811	17.984	8.044	17.990	6.415	13.562	6.576	13.562	6.594	9.376
Poder de Fogo Relativo (Anual)											
30,28%	69,72%	30,28%	69,72%	30,90%	69,10%	32,11%	67,89%	32,65%	67,35%	41,29%	58,71%
Capacidade Anual Relativa na Guerra Terrestre (Anual)											
50,39%	49,61%	52,33%	47,67%	53,92%	46,08%	38,97%	61,03%	39,24%	60,76%	43,94%	56,06%
Capacidade Anual Relativa na Guerra Terrestre (T1 e T2)											
				T1				T2			
EUA				52,21%				40,72%			
RPC				47,79%				59,28%			

Fonte: IISS (2007); IISS (2008); IISS (2009); IISS (2017); IISS (2018); IISS (2019). Elaboração própria.

Inspirada na metodologia do Lowy Institute¹², a tabela acima utiliza indicadores proxies para avaliar a capacidade militar terrestre dos EUA e da RPC. Esses indicadores são divididos em duas categorias principais: poder de manobra e poder de fogo. O poder de manobra envolve a capacidade de criar um ambiente de combate imprevisível para o inimigo, dificultando sua coesão e adaptação, e inclui a conquista de posições estratégicas vantajosas (TUCK, 2023). Para medir essa capacidade, são analisados dados sobre tanques de batalha, veículos de combate

11 Relativo aos inventários do exército de cada país.

12 LOWY INSTITUTE. Weapons and Platforms: Land, Maritime and Air Warfare Assets and Capabilities. Disponível em: <https://power.lowyinstitute.org/data/military-capability/weapons-and-platforms/>. Acesso em: 13 jan. 2024.

de infantaria, veículos blindados de transporte de pessoal e sistemas antitanques. Já o poder de fogo terrestre é avaliado por meio de uma proxy que considera equipamentos de artilharia e mísseis terra-ar, refletindo a habilidade geral de conduzir operações de guerra terrestre. É importante notar que essa análise se concentra exclusivamente na superioridade material, sem levar em conta a capacidade e habilidade dos comandantes, o que constitui uma limitação do estudo.

No domínio do poder de manobra, observa-se uma significativa transformação nos arsenais dos EUA e da China entre 2007 e 2019. Os EUA reduziram seu número de tanques de batalha de 7.620 para 2.386, enquanto a China reduziu de 7.580 para 5.800. Em relação aos veículos de combate de infantaria, os EUA diminuíram de 6.719 para 2.931, ao passo que a China aumentou de 1.000 para 5.000. No que diz respeito aos veículos blindados de transporte de pessoal, os EUA reduziram de 16.008 para 10.547, enquanto a China caiu de 6.100 para 3.950. Em termos de infraestrutura anti-tanques, os EUA sofreram uma queda acentuada de 21.955 para 1.333, enquanto a China reduziu de 7.200 para 4.966. Essas diminuições podem refletir uma tendência de modernização qualitativa para enfrentar novas ameaças e tecnologias, dada a necessidade de capacidades mais ágeis e flexíveis em operações contemporâneas. Ainda assim, a China demonstra maior poder de manobra do que os EUA nos anos recentes.

No contexto do poder de fogo, entre 2007 e 2019, os EUA testemunharam uma redução nos equipamentos de artilharia, diminuindo de 6.530 para 5.411, enquanto a China reduziu mais acentuadamente, de 17.700 para 8.954. Os mísseis terra-ar dos EUA também diminuíram levemente, de 1.281 para 1.183, enquanto a China aumentou de 284 para 422. Por conta do número de equipamentos de artilharia, a RPC demonstra superioridade no poder de fogo. Dessa forma, ao analisar as transformações na capacidade de guerra terrestre, composta pelo poder de fogo e de manobra, observamos que, em T1, os EUA representavam em média, 52,21% do total bilateral, enquanto a China 47,79%. Em T2, essas porcentagens mudaram para 40,72% e 59,28%, indicando um crescimento na capacidade chinesa e uma mudança na capacidade de guerra terrestre em favor da China. Essa evolução reflete a crescente ênfase de Pequim em proteger sua integridade territorial e projetar poder nas regiões próximas, especialmente nas disputas territoriais ao longo de suas fronteiras. Examinemos agora o índice de capacidade na guerra marítima, único componente da Categoria (7) Divisão Marítima.

Tabela 3. Capacidade na Guerra Marítima¹³

Guerra Marítima											
Controle do Mar											
2007		2008		2009		2017		2018		2019	
EUA	RPC	EUA	RPC	EUA	RPC	EUA	RPC	EUA	RPC	EUA	RPC
Número de Porta-aviões											
12	0	11	0	11	0	10	1	11	1	11	1
Número de Contratorpedeiros											
50	28	52	29	52	28	62	21	64	23	65	27
Número de Fragatas											
31	48	21	46	22	50	8	57	9	59	13	59
Número de Navios de Contramedidas para Minas											
24	65	9	65	9	69	11	41	11	42	44	42
Número de Navios Anfíbios de Assalto											
35	0	32	0	31	1	31	4	31	4	32	5
Número de Navios e Embarcações Anfíbias											
334	233	334	234	282	243	245	136	245	140	245	112
Controle do Mar Total (Anual)											
486	374	459	374	407	391	367	260	371	269	377	246
Controle do Mar Relativo (Anual)											
56,51%	43,49%	55,10%	44,90%	51,00%	49,00%	58,53%	41,47%	57,97%	42,03%	60,51%	39,49%
Poder de Fogo											
2007		2008		2009		2017		2018		2019	
EUA	China	EUA	China	EUA	China	EUA	China	EUA	China	EUA	China
Número de Sistemas de Lançamento Vertical											
7.484	96	7.712	96	7.724	224	9.100	1.320	9.208	1.544	9.322	1.928
Poder de Fogo Total (Anual)											
7.484	96	7.712	96	7.724	224	9.100	1.320	9.208	1.544	9.322	1.928
Poder de Fogo Relativo (Anual)											
98,73%	1,27%	98,77%	1,23%	97,18%	2,82%	87,33%	12,67%	85,64%	14,36%	82,86%	17,14%
Negação do Mar											
2007		2008		2009		2017		2018		2019	
EUA	China	EUA	China	EUA	China	EUA	China	EUA	China	EUA	China
Número de Submarinos (Táticos e Estratégicos)											
68	58	71	62	71	62	68	57	68	62	67	59
Poder de Negação do Mar Total (Anual)											
68	58	71	62	71	62	68	57	68	62	67	59
Poder de Negação do Mar Relativo (Anual)											
53,97%	46,03%	53,38%	46,62%	53,38%	46,62%	54,40%	45,60%	52,31%	47,69%	53,17%	46,83%
Capacidade Relativa na Guerra Marítima (Anual)											
69,74%	30,26%	69,09%	30,91%	67,19%	32,81%	66,75%	33,25%	65,31%	34,69%	65,52%	34,48%
Capacidade Anual Relativa na Guerra Marítima (T1 e T2)											
				T1				T2			
EUA				68,67%				65,86%			
RPC				31,33%				34,14%			

Fonte: IISS (2007); IISS (2008); IISS (2009); IISS (2017); IISS (2018); IISS (2019). Elaboração própria.

Para analisar a capacidade militar dos EUA e da China na guerra marítima, consideramos três categorias: controle do mar, poder de fogo e negação do mar. O controle efetivo dos mares é essencial para qualquer nação, mesmo para aquelas com foco predominantemente terrestre¹⁴, pois

13 Relativo aos inventários da marinha de cada país.

14 "Um exemplo emblemático é o caso da China, que foi uma grande potência marítima no século XV, mas, no século XVI, voltou seu foco para o interior, negligenciando a construção de uma marinha robusta. Isso resultou inicialmente em incursões de piratas, mas, posteriormente, abriu espaço para a intervenção estrangeira nos séculos XVIII e XIX, seguida por invasões nos séculos XIX e XX" (LINDLEY-FRENCH; BOYER, 2012, p. 31, tradução própria).

amplia a segurança nacional, protege as rotas comerciais e aumenta a projeção de poder em outras regiões. Além de ser um objetivo estratégico, o controle marítimo facilita operações terrestres ao criar um ambiente mais favorável (LINDLEY-FRENCH; BOYER, 2012). A combinação da capacidade de controlar e negar o uso dos mares aos rivais, juntamente com o poder de fogo, reflete a habilidade geral de conduzir operações navais. No entanto, é importante reconhecer que nossa análise, focada principalmente na superioridade material, tem limitações inerentes.

Nos indicadores proxies relacionados ao controle marítimo, os EUA apresentam uma clara predominância. Em 2007, os EUA possuíam 12 porta-aviões próprios, enquanto a China não tinha nenhum. Em 2019, os EUA mantiveram 11 porta-aviões, enquanto a China aumentou para 1¹⁵. Quanto aos contratorpedeiros, os EUA contavam com 50 em 2007, enquanto a China tinha 28, com os números ajustando-se para 65 e 27, respectivamente, em 2019. Por outro lado, nas fragatas, a tendência inverte-se: em 2007, os EUA tinham 31 e a China 48, mas em 2019, a China possuía 59 fragatas em comparação com 13 dos EUA. A situação é semelhante com os navios de contramedidas para minas, onde os EUA tinham 24 em 2007 e a China 65; em 2019, os números se inverteram para 44 e 42, respectivamente. No que diz respeito aos navios anfíbios de assalto, os EUA lideram, com 35 em 2007 e mantendo 32 em 2019, enquanto a China possuía nenhum em 2007 e 5 em 2019. Em termos gerais de navios e embarcações anfíbias (excluindo os navios de assalto), os EUA possuíam 334 em 2007 e 245 em 2019, enquanto a China tinha 233 em 2007 e 112 em 2019.

No campo do poder de fogo, entre 2007 e 2019, os EUA aumentaram o número de sistemas de lançamento vertical de mísseis de 7.484 para 9.322. Em contraste, a China teve um crescimento notável de mais de 20 vezes nesse indicador, subindo de 96 sistemas em 2007 para 1.928 em 2019. Para avaliar a capacidade de negar o uso do mar pelo inimigo, utilizamos o número de submarinos táticos e estratégicos como indicador proxy, dado seu papel na execução de ataques contra navios e bases navais, na interrupção de rotas marítimas, na imposição de bloqueios navais e na

15 Até então (agosto de 2024), a China possui três porta-aviões em sua frota: Liaoning (adquirido em 1988 da antiga URSS), Shandong (construído pela China e lançado em dezembro de 2019) e Fujian. O mais recente, Fujian, foi apresentado pelo governo chinês em 2022 e ostenta um sistema de lançamento similar ao dos porta-aviões norte-americanos. Atualmente, tanto a China quanto os EUA são os únicos países do mundo com três ou mais porta-aviões, com apenas 11 nações detendo esse tipo de equipamento bélico (GIELOW, 2022).

minagem de águas e portos. Em 2007, os EUA possuíam 68 submarinos, enquanto a China tinha 58. Em 2019, os números se alteraram para 67 e 59 submarinos, respectivamente.

A análise das médias de todos os indicadores revela que, em T1, a capacidade marítima dos EUA correspondia a 68,67% do total bilateral, enquanto a da China representava 31,33%. Em T2, essas proporções foram ajustadas para 65,86% e 34,14%, respectivamente. Esse aumento gradual na capacidade marítima chinesa é resultado do processo de modernização naval iniciado na década de 1990 e intensificado após 1996, quando os EUA enviaram dois porta-aviões para a região de Taiwan em resposta aos testes de mísseis e exercícios navais chineses. A modernização chinesa inclui uma ampla gama de programas de aquisição e construção de armamentos, refletidos no aumento do número de sistemas de lançamento vertical, bem como na aquisição e construção de porta-aviões, fragatas, navios anfíbios e submarinos. Por exemplo, enquanto a China possuía 2 submarinos de ataque em 1995, esse número subiu para 39 em 2014, e ainda são mais silenciosos e difíceis de detectar. Apesar desse progresso, nossos indicadores proxies mostram que os EUA ainda mantêm uma superioridade significativa na guerra marítima (DAWOOD, 2018). Examinemos agora o índice de capacidade na guerra aérea, único componente da Categoria (8) Divisão Aérea.

Tabela 4. Capacidade na Guerra Aérea¹⁶

Guerra Aérea											
Lutadores											
2007		2008		2009		2017		2018		2019	
EUA	RPC	EUA	RPC	EUA	RPC	EUA	RPC	EUA	RPC	EUA	RPC
Número de Aeronaves Disponíveis para Combate											
2.658	2.643	2.658	1.762	2.693	1.653	1.430	2.307	1.478	2.397	1.466	2.413
Número de Helicópteros de Ataque											
205	80	189	80	189	80	137	53	137	53	136	53
Poder Total dos Lutadores (Anual)											
2.863	2.723	2.847	1.842	2.882	1.733	1.567	2.360	1.615	2.450	1.602	2.466
Poder Relativo dos Lutadores (Anual)											
51,25%	48,75%	60,72%	39,28%	62,45%	37,55%	39,90%	60,10%	39,73%	60,27%	39,38%	60,62%
Poder de Fogo											
2007		2008		2009		2017		2018		2019	
EUA	China	EUA	China	EUA	China	EUA	China	EUA	China	EUA	China
Número de Veículos Aéreos de Combate Não-Tripulados											
59	1	107	4	131	4	352	4	350	15	244	19
Poder de Fogo Total (Anual)											
59	1	107	4	131	4	352	4	350	15	244	19
Poder de Fogo Relativo (Anual)											
98,33%	1,67%	96,40%	3,60%	97,04%	2,96%	98,85%	1,12%	95,89%	4,11%	92,75%	7,22%
Capacidade Relativa na Guerra Aérea (Anual)											
74,79%	25,21%	78,56%	21,44%	79,74%	20,26%	69,39%	30,61%	67,81%	32,19%	66,08%	33,92%
Capacidade Anual Relativa na Guerra Aérea (T1 e T2)											
				T1				T2			
EUA				77,70%				67,76%			
RPC				22,30%				32,24%			

¹ Fonte: IISS (2007); IISS (2008); IISS (2009); IISS (2017); IISS (2018); IISS (2019). Elaboração própria.

Para avaliar a capacidade aérea dos EUA e da China, seguimos a metodologia do Lowy Institute, dividindo a análise em duas categorias: (1) poder dos caças/lutadores, refletido pelo número de aeronaves de combate e helicópteros de ataque, e (2) poder de fogo, representado pelo número de veículos aéreos não tripulados. Observa-se uma tendência contrastante entre os dois países no número de aeronaves de combate. Os EUA experimentaram uma redução substancial, passando de 2.658 aeronaves em 2007 para 1.466 em 2019, enquanto a China apresentou uma diminuição mais modesta, de 2.643 para 2.413 no mesmo período. Em relação aos helicópteros de ataque, ambos os países reduziram seus números: os EUA passaram de 205 em 2007 para 136 em 2019, e a China de 80 para 53.

No que tange ao poder de fogo das forças aéreas dos EUA e da China, observa-se uma clara superioridade americana tanto no início quanto no final do período analisado. Em 2007, os EUA operavam 59 veículos aéreos não tripulados (UAVs), enquanto a China possuía apenas 1 UAV. Em 2019, o número de drones dos EUA aumentou para 244, enquanto a China subiu para 19. Assim, a primazia norte-americana na guerra

¹⁶ Relativo aos inventários da força aérea de cada país.

aérea foi fortemente sustentada pela superioridade em drones, enquanto o aumento do poderio aéreo chinês foi impulsionado principalmente pelo incremento no número de caças disponíveis¹⁷. Portanto, a China ainda não possui capacidade ofensiva comparável aos EUA no que tange à projeção aérea. Isto posto, a tabela a seguir resume os dados apresentados anteriormente, mostrando as porcentagens relativas para os EUA e a RPC em todos os indicadores de capacidade militar.

Tabela 5. Capacidade Militar Relativa (Indicadores)

Categoria	Indicador	T1		T2	
		EUA	RPC	EUA	RPC
<i>Financiamento</i>	Gastos Militares	89,24%	10,76%	75,13%	24,87%
<i>Militar</i>	Orçamento para PDT&A	87,19%	12,81%	78,52%	21,48%
<i>Pessoal</i>	Efetivo Militar	34,84%	65,16%	34,25%	65,75%
<i>Produção e Comércio Militar</i>	Empresas Produtoras de Armas e Serviços Militares no Top 100	100%	0,00%	84,21%	15,79%
	Armas Convencionais Exportadas	90,86%	9,14%	87,59%	12,41%
<i>Divisão Nuclear</i>	Estoque de Ogivas Nucleares no Arsenal Militar	95,77%	4,23%	93,14%	6,86%
<i>Divisão Espacial</i>	Número de Satélites em Operação	90,40%	9,60%	70,32%	29,68%
<i>Divisão Terrestre</i>	Capacidade na Guerra Terrestre	52,21%	47,79%	40,72%	59,28%
<i>Divisão Marítima</i>	Capacidade na Guerra Marítima	68,67%	31,33%	65,86%	34,14%
<i>Divisão Aérea</i>	Capacidade na Guerra Aérea	77,70%	22,30%	67,76%	32,24%

Com base na tabela, observa-se um avanço significativo da China em todos os indicadores de capacidade militar em comparação com os EUA. Os principais pontos destacados são: em gastos militares, a participação da China no total bilateral aumentou de 10,76% em T1 para 24,87% em T2, enquanto a dos EUA caiu de 89,24% para 75,13%. No orçamento para PDT&A, a China subiu de 12,81% para 21,48%, enquanto a participação dos EUA reduziu de 87,19% para 78,52% no mesmo período. Além disso, a China avançou ao posicionar empresas produtoras de armas e serviços militares no top 100, representando 15,79% do total bilateral em T2. Sua

17 Além disso, é importante ressaltar que a Força Aérea Chinesa enfrenta três desafios centrais que precisam ser superados: (1) a dificuldade de integração bem-sucedida em operações conjuntas, devido à estrutura militar altamente centralizada; (2) as capacidades limitadas de reabastecimento aéreo, que, embora tenham sido abordadas pela construção de ilhas artificiais, ainda permanecem insuficientes; e (3) a ausência de uma infraestrutura militar-industrial robusta para apoiar a produção de aeronaves sem depender excessivamente de tecnologia estrangeira (McPHILAMY, 2020).

proporção de satélites em operação também aumentou de 9,60% para 29,68%, enquanto a dos EUA diminuiu de 90,40% para 70,32%.

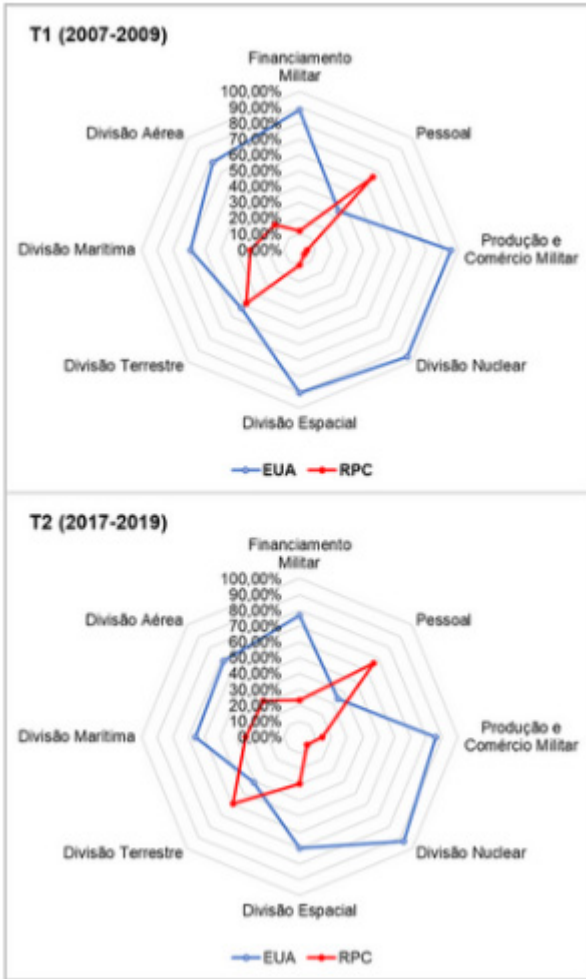
Embora a China tenha fortalecido suas capacidades militares durante o período analisado, os EUA ainda mantêm superioridade na maioria dos indicadores, exceto no efetivo militar e na capacidade de guerra terrestre. O maior efetivo militar da China, dado o tamanho de sua população, era esperado. No entanto, a liderança chinesa na guerra terrestre, evidenciada pelos indicadores proxies, reflete um aumento relativo no número de tanques, veículos de combate de infantaria, infraestrutura anti-tanques e equipamentos de artilharia. A tabela e o gráfico a seguir ilustram a proporção relativa entre China e EUA em cada uma das oito categorias analisadas ao longo dos dois períodos temporais considerados. A porcentagem relativa para cada categoria foi calculada com base na média dos indicadores-parte correspondentes, conforme apresentados na tabela anterior.

Tabela 6. Capacidade Militar Relativa (Categorias de Indicadores)

Categoria	T1		T2	
	EUA	RPC	EUA	RPC
<i>Financiamento Militar</i>	88,22%	11,79%	76,83%	23,18%
<i>Pessoal</i>	34,84%	65,16%	34,25%	65,75%
<i>Produção e Comércio Militar</i>	95,43%	4,57%	85,90%	14,10%
<i>Divisão Nuclear</i>	95,77%	4,23%	93,14%	6,86%
<i>Divisão Espacial</i>	90,40%	9,60%	70,32%	29,68%
<i>Divisão Terrestre</i>	52,21%	47,79%	40,72%	59,28%
<i>Divisão Marítima</i>	68,67%	31,33%	65,86%	34,14%
<i>Divisão Aérea</i>	77,70%	22,30%	67,76%	32,24%
Capacidade Militar Relativa (Média)	75,40%	24,60%	66,85%	33,15%

Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 8. Abrangência da Capacidade Militar Relativa (Categorias)



Fonte: Elaboração própria.

A análise da figura revela que, tanto em T1 quanto em T2, as capacidades militares dos EUA foram mais abrangentes do que as da China, exceto no efetivo militar e na guerra terrestre, onde os chineses superaram os norte-americanos em T2. Entretanto, a China demonstrou uma melhoria relativa em todos os indicadores comparativos. Destacam-se os gastos militares, que aumentaram de 10,76% para 24,84% do total bilateral; o número de empresas chinesas de armamentos e serviços militares no top 100, que subiu de 0% para 15,79%; o número de satélites em

operação, que cresceu de 9,60% para 29,68%; e a capacidade aérea chinesa, que avançou de 22,30% para 32,24% do total combinado. Não obstante, embora a China tenha ampliado sua participação, os EUA mantiveram a superioridade na maioria dos indicadores ao longo dos dois períodos. Portanto, não vislumbramos uma liderança militar chinesa no curto prazo, e nem um equilíbrio sino-americano, já que os EUA permanecem como a principal potência militar global de forma abrangente.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos indicadores proxies revela que o poder militar da China aumentou de 24,60% para 33,15% do total bilateral entre T1 (2007-2009) e T2 (2017-2019), enquanto a participação dos EUA caiu de 75,40% para 66,85%, como indicado na tabela 6. Esse crescimento relativo de quase 10 pontos percentuais da RPC reflete seus contínuos esforços de modernização militar desde os anos 1990, incluindo o desenvolvimento de novas tecnologias para enfrentar navios, aeronaves e satélites dos EUA, frequentemente a um custo reduzido (ALLISON, 2017). Em 2022, por exemplo, a China apresentou seu terceiro porta-aviões, o Fujian, equipado com um sistema de catapulta desenvolvido internamente, evidenciando uma capacidade tecnológica que se aproxima da estadunidense nesta área (GIELOW, 2022).

Portanto, em linhas gerais, a análise deste estudo indica a existência de uma mudança na distribuição de poder militar entre os EUA e a China entre 2007 e 2019. A ascensão da China é evidente em todos os indicadores analisados, com uma destacada liderança na capacidade de guerra terrestre. De acordo com o documento “China’s National Defense in the New Era” do Gabinete de Informação do Conselho de Estado Chinês, a RPC está empenhada em modernizar suas forças para enfrentar uma série de desafios, tanto internacionais quanto domésticos e regionais. Estes incluem alianças estratégicas dos EUA na Ásia-Pacífico, políticas de contenção promovidas pelos norte-americanos, expansão da OTAN, fortalecimento das capacidades nucleares e não-nucleares da Rússia, além de questões internas como a busca pela independência de Taiwan, os movimentos separatistas em Xinjiang e as disputas territoriais no Mar Meridional (SCIO, 2019).

Assim, é fundamental reconhecer o papel central do campo militar nos esforços de Xi Jinping para revitalizar e fortalecer a China,

com o objetivo de concretizar o “Sonho Chinês” de se tornar uma grande potência socialista até 2049, no centenário da Revolução Comunista. Este sonho, impulsionado pelo nacionalismo chinês e pela vontade de superar o período de humilhação histórica, confere uma importância crucial às questões de segurança e defesa. Isso abrange a modernização das forças armadas, a diplomacia militar, a projeção e a afirmação internacional da China, bem como a defesa da integridade territorial do país (SINAGA, 2020). É crucial também notar que os estadunidenses e os chineses enfrentam desafios geopolíticos distintos: enquanto os EUA, como principal potência global, precisam projetar sua influência militar em três regiões estratégicas (Europa, Oriente Médio e leste da Ásia), a China concentra sua projeção no leste e sudeste asiático, áreas que se tornaram o epicentro da competição geopolítica sino-americana (LAYNE, 2018). Desde a ascensão de Xi Jinping, a China se consolidou como uma força formidável no cenário internacional, mobilizando suas forças armadas em missões humanitárias e de manutenção da paz. O país também tem utilizado seu poder naval para combater o terrorismo e a pirataria, mobilizando forças privadas e governamentais para proteger seus cidadãos e interesses no exterior. A Iniciativa Cinturão e Rota tem sido um dos grandes destaques dessa atuação (GHISELLI, 2021).

Portanto, apesar de a China ainda não estar em posição de desafiar globalmente a superioridade militar dos EUA, há indícios de que está começando a alcançar uma paridade significativa no leste da Ásia. A análise dos indicadores proxies revela um progresso gradual da RPC, com uma alteração relativa de cerca de 10 pontos percentuais no equilíbrio da capacidade militar sino-americana ao longo de pouco mais de uma década. Isso sugere uma mudança na balança de poder que transcende a esfera econômico-tecnológica frequentemente analisada nas disputas sino-americanas. Contudo, os EUA continuam a manter uma liderança substancial, que é difícil de ser contestada por qualquer nação, tanto em termos quantitativos quanto qualitativos, incluindo estrutura organizacional, logística e cultura militar. Assim, as teses gêmeas da ascensão chinesa e do declínio norte-americano no campo militar podem ser exageradas quando consideradas isoladamente, sem se levar em conta aspectos de economia política internacional, diplomacia ou poder brando.

REFERÊNCIAS

AL JAZEERA. **Ukraine intelligence ‘confirms’ Russian forces using Starlink.** Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2024/2/11/ukraine-intelligence-confirms-russian-forces-using-starlink>. Acesso em: 24 mar. 2024.

ALLISON, Graham. **Destined for War: Can America and China Escape Thucydides’s Trap?** Editora Houghton Mifflin, 2017. 384 p.

ARRIGHI, Giovanni. **O Longo Século XX: dinheiro, poder e as origens do nosso tempo.** São Paulo: Editora UNESP, 1996. Tradução de Vera Ribeiro.

ARRIGHI, Giovanni. Adam Smith em Pequim: origens e fundamentos do século XXI. São Paulo: Boitempo, 2008.

BBC. **Os 5 países que fabricam 75% das armas do mundo (e seus maiores compradores).** 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-47538464>. Acesso em: 24 mar. 2024.

BANCO MUNDIAL. **Armed Forces Personnel, Total - United States, China.** 2024. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/MS.MIL.TOTL.P1?locations=US-CN>. Acesso em: 04 jan. 2024.

BUCKLEY, Chris. Medo e ambição impulsionam arsenal nuclear da China sob Xi. **Folha de São Paulo**, 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2024/02/medo-e-ambicao-impulsionam-arsenal-nuclear-da-china-sob-xi.shtml>. Acesso em: 24 mar. 2024.

BUZAN, Barry. Power, and Security: Contending Concepts in the Study of International Relations. **Journal of Peace Research**, Special Issue on Alternative Defense, v. 21, n. 2, p. 109-125, 1984.

CORRÊA, Gabriela T. R. **Da crise dos subprimes à pandemia de Covid-19: China e Estados Unidos nas novas dinâmicas globais de poder.** Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais, Universidade Federal de Santa Maria, 2023.

COX, Robert W. Forças sociais, Estados e ordens mundiais: além da teoria de Relações Internacionais. **OIKOS**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 10-37, 2021. Tradução de Caio Contijo.

DAWOOD, Layla. China's Military Modernisation: international systemic change through internal balancing? In ORSI, D., AVGUSTIN, J.; NURNUS, M. **Realism in Practice**. E-International Relations, 2018.

DEGTEREV, Denis; RAMICH, Mirzet; TSVYK, Anatoly. U.S.-China: "Power Transition" and the Outlines of "Conflict Bipolarity". **Vestnik RUDN International Relations**, v. 21, n. 2, p. 210-231, 2021.

FAS. Status Of World Nuclear Forces – Tabela: Estimated Global Nuclear Warhead Stockpiles. **Federation of American Scientists**, 2024. Disponível em: <https://fas.org/initiative/status-world-nuclear-forces/>. Acesso em: 18 fev. 2024.

GIELOW, Igor. China desafia EUA com seu primeiro super porta-aviões. **Folha de São Paulo**, 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/06/china-desafia-eua-com-seu-primeiro-super-porta-avioes.shtml>. Acesso em: 25 mar. 2024.

GHISELLI, Andrea. **Protecting China's Interests Overseas: Securitization and Foreign Policy**. Oxford University Press. 2021. 304 p.

HOWARD, Michael. Military power and international order. **International Affairs**, v. 85, n. 1, p. 145-155, 2009.

IKENBERRY, John G. **Liberal Leviathan: The Origins, Crisis, and Transformation of the American World Order**. Princeton: Princeton University Press, 2011.

IISS. The Military Balance 2007. **The International Institute for Strategic Studies**, 2007.

IISS. The Military Balance 2008. **The International Institute for Strategic Studies**, 2008.

IISS. The Military Balance 2009. **The International Institute for Strategic**

Studies, 2009.

IISS. The Military Balance 2017. **The International Institute for Strategic Studies**, 2017.

IISS. The Military Balance 2018. **The International Institute for Strategic Studies**, 2018.

IISS. The Military Balance 2019. **The International Institute for Strategic Studies**, 2019.

KENNEDY, Paul. **Ascensão e queda das grandes potências: Transformação Econômica e Conflito Militar de 1500 a 2000**. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1989.

KIM, Woosang; GATES, Scott. Power transition theory and the rise of China. **International Area Studies Review**, v. 18, n. 3, p. 219-226, 2015.

KOCH, Charles J. Testing the Power Transition Theory with Relative Military Power. **Journal of Strategic Security**, v. 14, n. 3, p. 86-111, 2021.

KUBE, Courtney; DE LUCE, Dan. How China is challenging the U.S. military's dominance in space. **NBC News**, 2023. Disponível em: <https://www.nbcnews.com/politics/national-security/china-challenging-us-militarys-dominance-space-rcna128993>. Acesso em: 24 mar. 2024.

LAYNE, Christopher. The US-Chinese power shift and the end of the Pax Americana. **International Affairs**, v. 94, n. 1, p. 89-111, 2018.

LINDLEY-FRENCH, Julian; BOYER, Yves. Maritime Warfare and the Importance of Sea Control. In BOYER, Yves; LINDLEY-FRENCH, Julian (eds.). **The Oxford Handbook of War**. Oxford University Press, 2012, p. 430-443.

LOWY INSTITUTE. **Weapons and Platforms: Land, Maritime and Air Warfare Assets and Capabilities**. Disponível em: <https://power.lowyinstitute.org/data/military-capability/weapons-and-platforms/>. Acesso em: 13 jan. 2024.

McPHILAMY, Jonathan. Air Supremacy. Are the Chinese Ready? **Military Review**, p. 56-61, 2020. Disponível em: <https://www.armyupress.army.mil/Portals/7/military-review/Archives/English/JF-20/McPhilamy-Air-Supremacy.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2024.

MEARSHEIMER, John. **The tragedy of great power politics**. New York: W. W. Norton & Company, 2001.

MORGENTHAU, Hans. **Politics Among Nations: the struggle for power and peace**. New York: Alfred A. Knopf, 1948.

NYE, Joseph S. *Cooperação e conflito nas Relações Internacionais*. São Paulo: Editora Gente, 2009.

NYE, Joseph. **The Future of Power**. PublicAffairs, 2011. 235 p.

OLIVEIRA, Alana C. A fusão civil-militar na Era Xi e as implicações para as transformações de poder militar no cenário internacional. **Observa China**, 2023. Disponível em: <https://www.observachina.org/articles/a-fusao-civil-militar-na-era-xi>. Acesso em: 20 ago. 2024.

ORGANSKI, Abramo F. K. **World Politics**. 2 ed. New York: Alfred A. Knopf, 1968. 529 p.

SCIO. China's National Defense in the New Era. **State Council Information Office of the People's Republic of China**. 2019. Disponível em: https://english.www.gov.cn/archive/whitepaper/201907/24/content_WS5d3941ddc6d08408f502283d.html. Acesso em: 25 ago. 2024.

SINAGA, Lidya C. Xi Jinping, "China dream", and Chinese military diplomacy to ASEAN. **Journal of ASEAN Studies**, v. 8, n. 2, p. 173-190, 2020.

SIPRI. **SIPRI Military Expenditure Database**. 2024a. Disponível em: <https://milex.sipri.org/sipri>. Acesso em: 04 jan. 2024.

SIPRI. **SIPRI Arms Industry Database**. 2024b. Disponível em: <https://>

www.sipri.org/databases/armsindustry. Acesso em: 18 jan. 2024.

SIPRI. **SIPRI Arms Transfers Database**. 2024c. Disponível em: <https://www.sipri.org/databases/armstransfers>. Acesso em: 12 fev. 2024.

SCHWELLER, Randall L. Opposite but Compatible Nationalisms: A Neoclassical Realist Approach to the Future of US–China Relations. **The Chinese Journal of International Politics**, v. 11, n. 1, p. 23-48, 2018.

STRANGE, Susan. **States and Markets**. 2 ed. New York: Continuum, 1994.

TAMMEN, Ronald; KUGLER, Jacek. Power Transition and China-US Conflicts. **The Chinese Journal of International Politics**, v. 1, n. 1, p. 35-55, 2006.

TAMMEN, Ronald; KUGLER, Jacek; LEMKE, Douglas. Power Transition Theory. **Transresearch Consortium**, Work Paper #1, 2011.

TEIXEIRA, Augusto. Grande Estratégia e Modernização Militar da China Contemporânea. **Análise Estratégica**, v. 12, n. 2, 2019.

TIAN, Nan; SU, Fei. A New Estimate of China's Military Expenditure. **Stockholm International Peace Research Institute**, 2021. Disponível em: <https://www.sipri.org/publications/2021/research-reports/new-estimate-chinas-military-expenditure>. Acesso em: 16 jan. 2024.

TROXELL, John F. Military Power and the Use of Force. In BARTHOLOMEES, J. B. **U.S. Army War College Guide to National Security Policy and Strategy**. Strategic Studies Institute, U.S. Army War College, p. 217-240, 2006.

TUCK, Christopher. The Future of Manoeuvre Warfare. In WEISSMANN, Mikael; NILSSON, Niklas (eds.). **Advanced Land Warfare: Tactics and Operations**. Oxford University Press, 2023, p. 25-42.

UCS. Nuclear Weapons Worldwide. **Union of Concerned Scientists**, 2024a. Disponível em: <https://www.ucsusa.org/nuclear-weapons/worldwide>. Acesso em: 22 fev. 2024.

UCS. UCS Satellite Database – Database: Excel Format. **Union of Concerned Scientists**, 2024b. Disponível em: <https://www.ucsusa.org/resources/satellite-database>. Acesso em: 23 fev. 2024.

USA. National Defense Budget Estimates for FY 2009. **U.S. Department of Defense**, 2008. Disponível em: https://comptroller.defense.gov/Portals/45/Documents/defbudget/fy2009/FY09Greenbook/greenbook_2009_updated.pdf. Acesso em: 20 fev. 2024.

USA. National Defense Budget Estimates for FY 2019. **U.S. Department of Defense**, 2018. Disponível em: https://comptroller.defense.gov/portals/45/documents/defbudget/fy2019/fy19_green_book.pdf. Acesso em: 20 fev. 2024.

USA. Military and Security Developments Involving the People’s Republic of China. **U.S. Department of Defense**. Report do Congress. 2023. Disponível em: <https://media.defense.gov/2023/Oct/19/2003323409/-1/-1/1/2023-MILITARY-AND-SECURITY-DEVELOPMENTS-INVOLVING-THE-PEOPLES-REPUBLIC-OF-CHINA.PDF>. Acesso em: 20 ago. 2024.

WALLERSTEIN, Immanuel. **O sistema mundial moderno I: a agricultura capitalista e as origens da economia-mundo europeia no século XVI**. Porto: Ed. Afrontamentos, 1974.

WALTZ, Kenneth. **The Theory of International Politics**. Addison-Wesley Publishing Company, 1979.

ZHU, Zhiqun. Power Transition and U.S.-China Relations: Is War Inevitable? **Journal of International and Area Studies**, v. 12, n. 1, p.1-24, 2005.